

PEDAGOGIA DA TERRA: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO MST EM UM ASSENTAMENTO NO EXTREMO SUL DA BAHIA

Denilson de Oliveira Soares¹

Orientadora: Celeste Aparecida Dias²

Eixo 3 – Trabalho, políticas públicas, movimentos sociais e educação do campo

RESUMO

O artigo trata da educação rural ou do campo, conforme identifica o Movimento Sem Terra, em específico o curso de Pedagogia da Terra, no extremo sul da Bahia. Tem por objetivo desvelar contribuições e significados do referido curso ao aluno em formação quanto à sua prática profissional enquanto Pedagogo da Terra. Para isso, pontua pelo método etnográfico, da pesquisa qualitativa, no uso da técnica de observação participante. Conclui-se neste artigo que esta formação inicia quando o aluno se insere nos objetivos do Movimento Sem Terra em sua caminhada enquanto militante; o curso Pedagogia da Terra contribui por acentuar esta identidade e discutir questões do cotidiano de seus alunos, significando a aprendizagem.

Palavras-Chave: Pedagogia da Terra; Etnografia; Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

Este estudo trata da educação rural/do campo, conforme identifica o Movimento Sem Terra. E tem por objetivo desvelar contribuições e significados do curso de Pedagogia da Terra que vem sendo oferecido em diferentes estados do Brasil, em específico no extremo sul da Bahia. Para o alcance deste objetivo faz-se necessário efetuar aproximações e diferenças entre a concepção do Curso em Pedagogia da Terra no Brasil que aparece em Caldart, 2004; Carvalho e Rocha, 2006 e Gadotti, 2000, estudos que vem sendo produzidos a cerca do Movimento Sem Terra e a Pedagogia da Terra.

¹ Graduado em Pedagogia, pelo Centro Universitário de Caratinga – UNEC; Caratinga (MG). **E-mail:** oliveiradenilso@hotmail.com

² Mestre em Educação, pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF; Juiz de Fora (MG). **E-mail:** ise@funec.br

Sustenta-se este trabalho pela pesquisa qualitativa, numa abordagem etnográfica, na técnica da observação participante e Trabalho de Conclusão de Curso – TCC de Pedagogia da Terra (Centro Universitário de Caratinga – UNEC).

O movimento dos Sem Terra iniciou-se no Brasil em meados de 1964, desde o aniquilamento das Ligas Camponesas pelos militares, constituiu-se independente, nascido do próprio interior das lutas que se travavam pela terra, principalmente por aqueles que defendiam uma reforma agrária. A semente do MST foi plantada em 07 de setembro de 1979, em plena ditadura militar, acontecendo a ocupação da Fazenda Macali, em Ronda Alta (RS) e demais lutas em todo o estado, gerando lideranças e incrementando a necessidade de ampliação das conquistas em busca de um objetivo maior. (MORISSAWA, 2001)

O MST atualmente está presente em 23 dos 26 Estados da federação, sua estrutura tem capacidade de organizar manifestações em duas dezenas de capitais simultaneamente. Nas últimas estimativas, os efetivos do MST elevam-se a 350 mil famílias assentadas e 70 mil famílias em acampamentos, o que representa cerca de 1,5 milhões de pessoas. O MST não é o primeiro movimento de luta pela terra. No Brasil, há vários relatos de revoltas camponesas, contudo permaneceram limitados à região em que surgiram a exemplo da Ação da Ligas Camponesas, que nos anos 60 concentrou-se no Estado de Pernambuco e adjacências. O diferencial que destaca o MST de todos os movimentos anteriores de luta pela terra é o fato de ser o primeiro que identifica como principal adversário o governo federal, e não os grandes proprietários de terra. (COMPARATO, 2001)

Na luta pela terra, a educação assume um significado ímpar no decorrer dos anos, desde o surgimento, suas primeiras invasões à garantia da posse da terra. Na militância do acesso e direito ao trabalho, não bastava apenas à posse, era necessária a continuidade da luta, que exigia conhecimento para assuntos práticos como financiamento bancário e aplicação de tecnologia. Por isso chamaram a escola de “descoberta da mina de ouro”, e com ela uma pedagogia ainda a ser desenvolvida, crianças a pedir o conhecimento do mundo e das letras. A escola, denominada de itinerante, construída antes do barraco de moradia, vem exercer a função de centro de encontros nos assentamentos. (MORISSAWA, 2001)

O Setor de Educação responsável pela elaboração da proposta pedagógica do Movimento Sem Terra adota como referência Paulo Freire. Os sujeitos atuantes colocam em questão a estrutura que o capitalismo impõe à sociedade e à cultura. A pauta baseada na concepção de Freire defende uma educação problematizadora que se fundamenta na relação dialógica – dialética, constituída de um diálogo vivo por ultrapassar os limites entre educador e educando. São as referências que o Movimento sustenta em seu método. O conhecimento deve surgir como novo, a partir da realidade do educando, onde ele reelabore e reordene seus próprios conhecimentos. (GADOTTI, 1989)

A Educação do Campo vinculada ao termo Pedagogia da Terra, apresenta o significado ao atrelar o sentido da palavra “terra” para muito além de solo, por se constituir de um lugar onde os sujeitos do campo recriam as suas presenças e reconstróem sua identidade. A palavra pedagogia indica presença da dimensão educativa na relação do ser humano com a terra de cultivo e de luta, ambiente livre sem limites com extensão à multiplicidade de pessoas. A concepção rompe por desvincular a idéia puramente econômica e alavanca a luta pela existência da terra, vista como um espaço de produção de vida e relações vividas, um novo espaço de invenção. (CARVALHO e ROCHA, 2006)

A questão que orienta a análise proposta parte de questionamentos em discutir e apresentar contribuições presentes no Curso de Pedagogia, que articula as necessidades de seus alunos em seus assentamentos, praticada pelo Movimento Sem Terra. Esta reflexão pode ser justificada no pressuposto da compreensão de uma prática educativa, conforme diz Gadotti (2000):

“A nossa *Pedagogia da Terra*, como o canto do poeta, não pertencem àqueles e àqueles que a escreveram, mas àqueles e àqueles que dela necessitam em sua luta cotidiana por uma escolha melhor, por um mundo melhor. Desejamos que seja uma pedagogia cheia de esperança onde afloram os valores humanos fundamentais: a amizade, o respeito, a honestidade, a admiração, a ternura, a emoção, a solidariedade, a aproximação entre o simples e o complexo, a atenção, a leveza, o carinho, o desejo e o amor”. (GADOTTI, 2000, p.20)

Carvalho e Rocha (2006) apontaram o termo Pedagogia da Terra a partir de algumas possibilidades do seu pertencimento em dois tipos diferentes de experiência: a primeira, a Carta da Terra e as reflexões de Leonardo Boff e a segunda, os cursos de graduação

em Pedagogia da Terra, desenvolvida pelos trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em parceria com universidades e a proposta de Moacir Gadotti, desenvolvida no livro Pedagogia da Terra. O termo Pedagogia da Terra refere-se há um contexto que pretende superar a educação ambiental, enfatiza a proteção da natureza como eixo principal e cria possibilidades do diálogo interdisciplinar em diferentes práticas de pesquisa, formação e intervenção. Na atualidade, o termo Educação do Campo tem sido utilizado no mesmo sentido que “Pedagogia da Terra”, vinculada às práticas de formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST.

Caldart (2004) expressa a origem ou nome da Pedagogia da Terra a partir da primeira turma, como o nome de um jornal, onde os alunos decidiram socializar com outros estudantes da universidade quem eram *aqueles* novos integrantes do corpo discente. A turma reafirmou esta identidade como conflito gerado com a universidade que insistiu em chamá-los de “acadêmicos”. A circulação chegou até o setor de educação do MST, o nome pareceu-lhe simpático e passou a ser utilizado para identificar a turma que cursava pedagogia “a turma de Pedagogia da Terra”. Hoje a expressão é usada pelas universidades e órgãos públicos, como identidade das turmas do Movimento, que se constituíram na relação dos movimentos sociais do campo. A autora reafirma a entidade dos educadores e educadoras:

Mas um nome pode ser apenas um nome; identifica, mas não significa, até que se constroem coletivamente estes significados em um contexto de relações geralmente de contradições e de conflitos. Uma identidade é uma marca de pertencimento a um determinado grupo, que se diferencia de outros ou que se contrapõe a outros grupos, outros traços de cultura, outro jeito de ser. Pode ser, pois, de confirmação ou de resistência ao ambiente social em que se origina. Quando os estudantes do MST passaram a se chamar de “pedagogos” e “pedagogas da terra”, estavam demarcando e declarando este pertencimento: *antes de universitários somos sem-terras temos a marca da terra e da luta que nos fez chegar até aqui.* (CALDART, 2004 P.25).

O primeiro curso de Pedagogia da Terra iniciou-se em 19 de janeiro de 1998, na Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul – UNIJUI, com sede na cidade de Ijuí – RS. No ano de 1999 outras turmas iniciaram cursos de pedagogia em parceria firmada com a Universidade Federal do Espírito Santo - UFES e a Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT. A Universidade do Pará UFPA, em 2000, e posteriormente, parcerias com a Universidade do Rio Grande do Norte – UFRN, Universidade Federal de Rondônia, Universidade Estadual do Rio Grande do

Sul – UERGS estão somando experiência de formação de educadores e educadoras do campo. (PROJETO PEDAGOGIA DA TERRA, 2003).

O MST Bahia, em parceria com a UNEB (Universidade do Estado da Bahia) e convênio com o PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), aprovado pelo Conselho Nacional do programa em dezembro de 2003, participou deste ganho quando em, 2 de dezembro de 2004, 60 educadores começaram a cursar o nível superior de licenciatura plena em Pedagogia da Terra. O curso garante habilitação na docência das séries iniciais do ensino fundamental, educação de jovens e adultos e gestão dos processos pedagógicos nas escolas e espaços educativos. A estrutura do curso possibilita uma vivência diferenciada de um curso regular por acontecer dentro do assentamento, onde permite experiência efetiva da prática pedagógica e pesquisa própria da comunidade, o que capacita para além da proposta, por discutir teorias e vivenciá-las na prática voltada à realidade do campo³.

A base teórica que sustenta o curso em Pedagogia da Terra, nessa experiência, se encontra nas concepções que coloca o aluno em lugar de destaque em sala de aula devido sua participação, conferindo-lhe o papel ativo no processo de ensino-aprendizagem. Uma vez que o Projeto Pedagogia da Terra (2003) resguarda uma formação de cidadão ativo, que participa e intervém na sua comunidade, a fim de contribuir para o desenvolvimento local e regional. Muitos autores adotam um referencial teórico-prático a partir dos estudos e experiências educativas de Paulo Freire sobre os processos de opressão e de uma educação libertadora a partir do desenvolvimento descrito em suas obras Pedagogia do Oprimido, 1987; Conscientização, 1979 e Educação e Mudança, 1997. Apesar do uso desse referencial, os líderes do movimento necessitavam reinventar estratégias educativas e os próprios referenciais teóricos, já que o contexto sócio-político-econômico e cultural no Brasil das décadas de 80 e 90 era diferente do contexto da pedagogia freireana.

METODOLOGIA

³ As informações obtidas referem-se ao extrato da matéria, construído pela Acessoria de Comunicação da Secretaria Estadual do MST-BA, publicado pelo site www.cutbahia.org.br/texto_noticias e acessado em 01.09.2007.

A pesquisa foi realizada no Assentamento 1º de abril, que abriga o Centro de Formação Carlos Marighella, localizado no município de Prado e que acolhe alunos dos Estados da Bahia e Espírito Santo, localizado na região do extremo sul da Bahia, com uma área de 1.670,17 Km², população estimada em 2004 de 28.481 habitantes e está localizada a 785 Km de Salvador. O gerenciamento dos dados coletados foi processado em gravações de aparelhos do tipo MP3 e MP4, nota de campo expandida, entrevistas semi-estruturadas, por meio da observação participante e fotografias.

A formação de professores constitui um dos principais pilares para a conquista de uma educação de qualidade, segundo as necessidades e interesses dos grupos sociais. A manifestação dessa formação se expressa nas práticas educativas que, por conseguinte, podem ser plenamente conhecidas e descritas a partir de técnicas investigativas etnográficas. Fazer *etnografia* exige a descrição densa sobre os sujeitos e sua produção de história, compreendida em seu meio, o que exige habilidades singulares dos investigadores. Por isso, fazer a etnografia da Pedagogia da terra idealizada para cursos de formação dos professores de assentamentos permite a aproximação das ações e mecanismos que elaboram o cotidiano da situação pesquisada.

A Etnografia dá suporte à abordagem da pesquisa qualitativa, pois ampara a fidelidade dos fatos como os mesmos acontecem. Ela caracteriza-se pelo contato direto com a situação pesquisada e permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência da formação de professores conforme a filosofia do Movimento Sem Terra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Curso de Pedagogia da Terra instituído pelo MST-Bahia atende nove regiões do Estado, em parceria com UNEB (Universidade do Estado da Bahia) e órgãos da Reforma Agrária. O curso estrutura-se pela CPP (Comissão Política Pedagógica), Coordenação Geral, Setores, Núcleos de Base e Assembléia Geral formado pelos alunos em acompanhamento por pedagogos do movimento e uma comissão de frente da UNEB. É oferecido em oito módulos presenciais de dois meses e estágios domiciliares nas escolas de assentamentos com duração de 04 anos.

A inscrição se dá por meio de indicação da liderança local onde vive este sujeito e pelas diferentes frentes de atuação. Após indicação o aluno presta vestibular e inicia sua vida acadêmica. A primeira turma foi composta por uma diversidade de alunos da Bahia e outros do Espírito Santo, não só do Movimento Sem Terra, mas, de outros movimentos sociais. Se, por um lado, há os riscos dos vícios pedagógicos da formação tradicional, pelo fato de os professores do programa ser oriundos de instituições públicas, por outro, o planejamento da organização pedagógica é realizada de forma coletiva e reflexiva, com participação inclusive dos alunos, o que minimiza o referido risco.

Os professores preferencialmente vêm do campus X (Teixeira de Freitas / BA), departamento mais próximo, que passa por indicação em questão dos conteúdos trabalhados. Antes de começar o módulo os professores da etapa reúnem e discutem as ementas com o apoio da coordenação e esta verifica o material aquilo que é preciso e como está caminhando, alguns momentos a gente auto se avalia. Os alunos têm uma postura muito ativa no processo, e vão fazer algum tipo de interferência quando tem alguma coisa que não transcorre bem. (Édila; professora de Biologia)

Dessa forma, garantem a assimilação do significado do Movimento de Sem Terra aos professores:

Antes de trabalhar, a gente não tem conhecimento de toda estrutura intelectual do movimento. A gente vê um movimento só como um grupo limitado, desarticulado, de pessoas manipuladas e na verdade não é isto. Depois que você faz esta aproximação é que percebe um nível intelectual muito grande. Aqui o aluno compreende o seu papel no processo ensino-aprendizagem o de exercer um papel ativo, ele exige mais e o trabalho é mais gratificante, você tem uma estrutura melhor pra trabalhar, eles tem um respeito muito grande pelo professor, mesmo que discordem em alguns aspectos, não nos desrespeitam. (Édila, professora de Biologia)

A formação em Pedagogia da Terra parece ser recíproca, de tal forma que professor ocupa um lugar de *educador-aprendiz*, pois se, por um lado, os professores das instituições públicas têm o conhecimento acadêmico, por outro, os líderes do MST, em formação, são responsáveis por *formar* os professores em relação à luta do movimento, para que consiga realizar o trabalho formativo da Pedagogia da Terra segundo tais princípios, como evidencia um dos alunos em formação:

Há 10 anos que estou no movimento, meus pais já tinha um vínculo com a CEB's, entrei no movimento mais por conta da minha irmã, eu morava com ela. (...) Fui assentado, a partir daí recebi minha parte na terra de onde vem minha renda. *Hoje trabalho com os professores, e a nossa tarefa é contribuir no processo de conscientização, onde eles compreendem a luta da reforma*

agrária e compreenda este movimento social e projeto histórico social da classe trabalhadora, e consiga avançar no processo de compreensão dos princípios do MST e desta educação que esta posta mercantilizada, tecnicista que produz apenas para o emprego, ela também serve, mas, não apenas. É importante que este professor compreenda isto. (Felipe)

Os professores têm liberdade para construir as ementas das diversas disciplinas desde que se observe a filosofia proposta pelo MST, como aponta a professora Édila:

O material selecionado é de liberdade do professor. Eu sei que linha o movimento trabalha, a pedagogia da terra tem como proposta uma questão voltada para conservação, sustentabilidade e ambiental no sentido que o homem é o foco da qualidade de vida do próprio homem, isto aí é o eixo norteador do curso e atravessa à disciplina, a ementa recebe também a contribuição do grupo de professores da etapa a ser trabalhada. As atividades de avaliação são construídas ao longo do módulo de forma individual e coletiva, elas recebem um valor de nota e no final é feita uma reflexão que discute os conceitos anteriores e como ele conseguiu construir os conceitos atualizados.

A disponibilidade de recursos é rica e diversificada, o Centro dispõe de equipamentos de informática, teatro, televisão e acesso à internet. Os alunos realizam uma diversidade de atividades que inicia às 05h45min para estudo e leitura, café, mística (ritual construído pela NB's – Núcleo de Base, responsável do dia, onde é hasteada a bandeira do movimento e entoado cânticos, esta tem a participação da criança por representar o futuro do MST, além do contexto de luta do movimento em forma de teatros, jogral, leitura de texto entre outros). Em seguida começa a aula, essa é composta por oito horas e para cada duas horas, intervalo de 15 minutos, assim dividido: aula, intervalo, aula, almoço. No período da tarde antes de retomarem os estudos os alunos assistem o noticiário e depois de discutido, voltam para aula, intervalo e aula, encerrando as 17h00min. Este intervalo estende até as 20h00min horas por incluir banho e o jantar, a partir daí alguns vão assistir o noticiário e outros vão para as reuniões das NB's (núcleo de base) e setores quando constroem a memória (ata), com todos os acontecimentos do dia. É de grande importância este período intenso de formação, como relata uma das alunas:

Neste processo de formação (...) a gente percebe que a educação está muito ligada à questão da vida prática das pessoas, e antes a formação restringia apenas para o mercado de trabalho e difere porque o processo dá suporte para o estudo da vida. O curso de Pedagogia da Terra contribui no sentido da formação técnica e a formação política que dá muito embasamento e suporte

por trabalhar questões relacionadas ao dia-a-dia da gente, porque o que a gente trabalha aqui não é distanciado do trabalho nas comunidades, o trabalho tem esta relação, este significado. (...) esta formação é muito ampla não se restringe à escola e a sala de aula.

O professor é assessorado pela NB (Núcleo de Base), liderança responsável pelo dia, que não se preocupa com a indisciplina, como descreve uma professora do curso:

Você não se desgasta. (...) a liderança se encarrega da disciplina. O professor se preocupa em fazer o planejamento e conduzir o trabalho. O trabalho é tranquilo e ao mesmo tempo ele exige muito do professor, porque eles têm uma postura muito ativa no processo e vão cobrar do professor. A quantidade do material é muito grande e exige um conteúdo denso, os textos têm que ser bem escolhidos, eles possuem uma análise crítica muito grande e tem que ter uma atividade para cada texto trabalhado. O material é bem pensado e selecionado com muito tempo de antecedência, é condensado sendo não só expositivo, intercala com atividades diversas. E a aula é dialogada, o aluno discute seus exemplos, a participação é efetiva, onde um texto que se discute habitualmente em 40 minutos, chega a duas horas. Há um processo de aprendizagem pela troca onde se valoriza este conhecimento do aluno e o pesado é porque você tem que planejar muito bem tem que dominar uma quantidade de conteúdos extensa por um período muito curto de tempo. (bióloga e professora do curso Édila).

A relação professor-aluno expressa uma autoridade científica, por um lado, e de igualdade social por outro, por conviver com seus alunos nos diferentes espaços, não resguardando nenhuma diferença relacionada a poder institucional. Os alunos participam na coordenação e realização de eventos sociais na comunidade em parceria com a liderança local. O cotidiano deste aluno em formação reflete diariamente os desafios que o MST descreve como multiplicador desta luta e responsável pela sua continuidade, afirma um dos alunos:

Esta é a primeira turma na Bahia, ou seja, são 55 alunos (...) Temos clareza dos objetivos do movimento e da educação que queremos, é preciso que a gente coloque mais educadores, há uma carência, um número muito reduzido por conta do processo de exclusão da educação brasileira em relação às pessoas pobres (...) E pra gente a educação é uma coisa ampla e não está necessariamente ligada apenas à escola e fechada em quatro paredes, ela está dentro da luta, na reforma agrária, nas ocupações de terra, nas mobilizações, nos encontros que o MST promove, nas reivindicações, nas marchas que o MST fazem à Brasília, à Salvador então a gente entende que este processo de luta contribui no processo de formação e isto também é educação.

Percebe-se que a pedagogia dos processos educativos que formam os Sem Terra, neste caso os alunos do curso em Pedagogia da Terra, no extremo sul da Bahia, inicia-se no enraizamento coletivo, onde não se nega o passado, mas se projeta o futuro que os

mesmos podem construir. A máxima desta formação é o posicionamento como sujeitos reflexivos permanentes às práticas do MST, de forma a assimilar tais lições para fazer (e transformar) na escola um ambiente que reproduza e produza o movimento pedagógico presente no processo da formação da identidade destes alunos.

PALAVRAS FINAIS

Como discute Souza (1999) de forma ampla sobre o registro e convívio de um determinado grupo social, e a maneira como constrói sua história. Certifica na prática do fazer educativo presente na formação dos alunos em Pedagogia da Terra, nos atos e dizeres do fazer pedagógico, como aponta a autora: *“Olhar para a formação do sem-terra é enxergar o MST como sujeito pedagógico, ou seja, como uma coletividade em movimento, que é educativa, e que atua intencionalmente no processo de formação das pessoas que a constituem”* (CALDART, 2004, p.315).

Na tentativa de compreender a amplitude do sujeito, inserido no seu contexto, requer um estudo teórico metodológico que vai além cientificista, por contribuir historicamente para conhecer a natureza, no apoio às dimensões racionais valorizadas pelas ciências exatas. A configuração da humanização do ser humano consolida-se no fato de ele, dialeticamente, ser produto e produtor da sua humanização. Os homens são sujeitos sociais e ativos na história, em meio a essas transformações ocorridas, é que o homem constrói seu espaço cultural, neste caso a construção do MST. (SOUSA, 1999).

Neste sentido, a proposta do curso para a população do campo possibilita contribuir e elevar os sujeitos trabalhadores, à condição de emancipação, bem como as escolas regulares. Esse processo de reinvenção da Pedagogia da Terra fundamentada em Freire possibilita repensar a educação da escola regular, especialmente, as que atendem à população majoritária da escola pública: os alunos das classes populares. O que justifica o conhecimento etnográfico profundo dessa Pedagogia da Terra, especialmente no que diz respeito à formação dos educadores que vão reproduzi-la a partir de reflexões das próprias práticas educativas. Há um significado de se fazer educação pela interação e proximidade posta a esta relação de educador, educando e a própria comunidade, uma pedagogia pertinente à luta do movimento, a pedagogia da terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDART, Roseli S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular. 2004

CARVALHO, Luzeni F. O., ROCHA, Maria I. Antunes. Pedagogia da Terra. **Revista Presença Pedagógica**, vl. 12 n.72.nov/dez. 2006.

COMPARATO, Bruno Conder. **A Ação Política do MST**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000400012>. Acesso em: 26 de setembro de 2007.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GADOTTI, M. **Convite à Leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1989.

MORISSAWA, Mitsue. **A História de luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

PEDAGOGIA DA TERRA. **Projeto**. Universidade Estadual da Bahia. Salvador: UNEB, 2003.

SOARES, Denilson O., FERNANDES, Cristina Maria. **A Etnografia da formação de professores em Pedagogia da Terra do MST em um assentamento no extremo sul da Bahia**. Caratinga, 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Graduação em Pedagogia. Centro Universitário de Caratinga – MG.

SOUSA, Celeste Aparecida Dias. **Como tornar-se professor? Um estudo sobre o desenvolvimento profissional de profissões a partir das suas experiências iniciais na docência**. Juiz de Fora, 1999. Dissertação de Mestrado. Curso de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora – MG.